

JAVIER HERAUD: A POESIA E A VIDA POR UM SONHO [1]

Manoel de Andrade

*“La poesía es
un relámpago maravilloso,
una lluvia de palabras silenciosas,
un bosque de latidos y esperanza,
el canto de los pueblos oprimidos,
el nuevo canto de los pueblos liberados”.*

J.H.

1. Os poetas revolucionários

Que sublime herança, ter vivido num tempo semeado de esperanças, de ideais que prometiam a redenção dos oprimidos e a solidariedade entre os povos do mundo!

Vivíamos, na América Latina, durante um período em que as contradições entre o sonho libertário e a realidade opressiva geraram os grandes impasses da nossa história. Nas décadas de 60/70 as utopias anunciavam, pelas trincheiras de luta e pelos versos dos poetas, uma pátria de homens livres, uma aldeia global onde em cada coração palpitará o amor, a liberdade e a justiça. Livros, revistas, cartazes, poemas panfletados, recitais e debates compartilhados, encontros clandestinos, reuniões secretas, diálogos luminosos... quantos nomes, quantos abraços, chegadas e despedidas, quantas cartas e quantas vozes ecoam ainda em minhas lembranças de poeta e viandante.

Contudo, neste trecho de minhas memórias, não contarei dos tantos poetas que estreitei em meus braços. Evoco aqui apenas a imagem dos caídos, daqueles que ficaram na saudade do seu povo e, como os poetas não morrem, por certo, continuarão vivos nos versos que escreveram, ou cantando em outras possíveis dimensões da vida. Alguns, como Otto René Castillo, -- martirizado até a morte no suplício mais cruel -- caíram no campo de batalha e tiveram seus cantos libertários escritos na história da pátria agradecida. Outros foram sepultados nos arquivos do silêncio oficial, mas um dia terão seus nomes ressuscitados pelo tempo, num tempo muito além deste tempo cruel em que a poesia já não palpita no coração dos homens. Seus poemas não puderam mudar o mundo, mas anunciaram um amanhecer. Seus versos deram nomes aos tiranos e convocaram os homens para o bom combate.

E por isso volto a falar de ti, Ariel Santibañez, meu irmão chileno no sonho e na poesia e são para ti essa memória e essa saudade. Ficou de ti a lembrança do nosso primeiro encontro numa manhã ensolarada de Arica. Da carta fraterna que te trazia de Santiago. De tua porta e teu sorriso se abrindo ao te falar do nosso querido Arimatéia. Atrás desses quarenta anos ainda ecoam as palavras e os versos que acompanharam nossos poucos dias e as cartas trocadas da Bolívia. E depois..., depois o teu tempo clandestino, tua visita a Cuba, tua volta a uma pátria que seria banhada em sangue, a tua militância e teu trágico silêncio. E agora, que teu nome ressurge depois da imensa noite dos terrores, agora que teu carrasco é levado ao patíbulo dos culpados, só agora venho escrever teu nome nas memórias tardias dos meus passos, relendo teus poemas, folheando teu talento de editor nas páginas de *Tebaida*, lembrando da tua imagem lúcida e fraterna, imaginando a extensão do teu martírio nos porões assassinos de Villa Grimaldi e sentindo-te na

perene saudade de minhas lágrimas.

Quanto a ti, Javier, no tempo em que cheguei, tu já não estavas. Falaram-me de ti, não só pela candura dos teus versos, mas porque foram em busca do teu rastro sobre as águas, “entre pássaros e árvores” e sobre as folhas do outono. Eram três estudantes de Arequipa e durante algumas noites eles estiveram na “Rosa de los ventos”, naquela pracinha tão íntima chamada “Las Nazarenas”, na quadra posterior à Catedral de Cusco. Eu trabalhava ali, no número 199, naquele Café romântico que se abria ao entardecer e onde a poesia, a música e a história recebiam os caminhantes de tantas pátrias. Uma noite eles me contaram a história do teu sonho, das balas que cruzaram teu destino e das águas que levaram o teu sangue para a imensidão do mar. Na noite seguinte eu voltei a perguntar por ti e no terceiro dia eles me trouxeram a primeira edição de *El Río*. Naquelas páginas eu bebi os teus primeiros versos e em Lima tu nasceste em minha poesia.

PREMIO NACIONAL JUVENIL DE POESÍA
'JAVIER HERAUD'

"La poesía es un relámpago maravilloso, una lluvia de palabras silenciosas, un bosque de latidos y esperanzas, el canto de los pueblos oprimidos, el nuevo canto de los pueblos liberados".

Página del concurso en: WWW.JUVENTUD.GOB.PE
CON LOS JOVENES

PREMIOS: Los primeros 5 ganadores recibirán un estímulo económico, la entrega del trofeo 'Javier Heraud', resolución de felicitación, diploma de honor y publicación de la obra.

RECEPCIÓN DE SOBRES:
Hasta el 31 de marzo de 2011, Calle Compostela 142, Urb. La Celesa, Santiago de Surco.

INFORMES: T: (511) 272 2441, 449 0021, 266 2546

2. O poeta de Miraflores

Eu conheci Miraflores, o bairro onde nasceu e viveu o poeta Javier Heraud. Como eram lindas suas ruas, praças e parques naquela primavera de 1969, e muitas vezes misturei meus passos com os elegantes transeuntes da Avenida Larco. No número 656 moravam Francisco e Mario Rojas, meus amigos costarriquenhos, e lá nos reuníamos toda semana, com seus colegas de arquitetura da Universidade de São Marcos. Também era ali, nas mesas dos bares, que eu trocava idéias com tantos jovens intelectuais latinoamericanos. Tínhamos a mesma faixa de idade e os mesmos sonhos libertários. Lembro-me, sobretudo, de dois equatorianos: Santiago Carcelén e Simón Pachano. Santiago é atualmente cineasta, no Equador e Simón, saudoso amigo desde Cusco, hoje respeitado sociólogo, escritor fecundo, professor da FLACSO, em Quito, e da Universidade de Salamanca.

Miraflores era um encantamento. Quantas vezes vi o sol despedir-se atrás das águas do Pacífico, naqueles crepúsculos deslumbrantes que iluminavam as praças e as calçadas no “Malecón de Miraflores”. Havia um mágico suspiro naquelas ruínas do passado pré-incaico. Eu frequentava suas livrarias, galerias de arte e respirava aquele romantismo no esnobe vozerio dos bares e -- com exceção da “Zona Rosa”, na Cidade do México, também daqueles anos -- não creio que tenha conhecido, nos meus caminhos pela América, uma região urbana tão atraente, embora socialmente tão exclusiva. Árvores frondosamente grandes, jardins tão bem cuidados, as pétalas multicores desenhando-se nos canteiros, o aroma das flores e os botões desabrochando. -- “*En Europa no hay nada más bello que Miraflores*”, escreve Javier de Paris ao seu pai. -- Cafés literários, estrangeiros exóticos, latinoamericanos do sul, franceses e estadunidenses, as melodias

dedilhadas no *charango* e a voz telúrica das *zampoñas*, o desenho policrômico dos ponchos indígenas rivalizando com as mais variadas grifes europeias. Crianças graciosas, peruanas lindas, uma pequena aldeia de seduções no coração da orgulhosa Lima, marcada em parte por sua legítima beleza, histórica e cultural e em parte por um desfile de aparências que somente a vaidade e o desperdício proporcionam.

Foi nessa passarela de encantos que o poeta passou a infância e a juventude, filho de uma família de classe média, que marcou sua vida e sua poesia com um imenso e reconhecido carinho. Começa a escrever aos quinze anos e em 1960, aos dezoito, publica sua primeira obra: "*El Río*". Nesse mesmo ano, com seu segundo livro "*El viaje*" participa do concurso "El Joven Poeta del Perú", dividindo o primeiro prêmio com aquele que seria o grande poeta e revolucionário César Calvo. Em 1963, seu livro *Estación Reunida*, recebe o primeiro prêmio de poesia nos Jogos Florais da Universidade de San Marcos, chamando a atenção da comissão julgadora pela beleza dos seus versos, apresentados com o pseudônimo de O Lenhador. Mas naqueles dias o poeta já estava morto.

Os vinte e um anos da vida de Javier Heraud Pérez é parte da história da literatura política da América Latina nas décadas de 60-70, e que ainda está por ser escrita. Nessa memória, a poesia rebelde ocupa uma mágica galeria de mártires e sobreviventes, lembrando dezenas de poetas que empenharam suas vidas, seus sonhos e o encanto de suas metáforas para cantar a mística revolucionária pela lírica dimensão da poesia.



Javier Heraud foi a poética expressão do espanto ao testemunhar sua esperança e sua angústia numa sociedade cruel. O Peru era um país marcado pela mais descarada opressão e o desprezo por um povo indígena com o mais belo passado de glória do continente americano e que desde a conquista padece um longo calvário em seu destino.

Nascido em Lima, em 19 de janeiro de 1942, conheceu na juventude uma pátria convulsionada pelo domínio estrangeiro sobre as comunidades quéchuas dos Andes Centrais, pelas mais perversas práticas de servidão no trabalho agrícola, e por uma infundável injustiça, cuja impunidade precipitava a nação num perigoso abismo social. Começava a década de 60 e, pelo país inteiro os trabalhadores, há anos sugados pelo trabalho das minas e do campo, faziam suas primeiras marchas, sangrados pela repressão. Os camponeses, literalmente, para não morrer de fome, preferiam cair lutando para retomar as terras que lhes foram usurpadas. Nas grandes fazendas de açúcar, os trabalhadores estavam na vanguarda dessa luta. As grandes empresas norteamericanas ditavam suas ordens e o governo peruano as cumpria com o dedo no gatilho e lotando as prisões.

Os primeiros contatos com a vida acadêmica em San Marcos trouxeram a Heraud novas concepções sociais e políticas e houve um dia, um momento, em que ele começou a trocar os encantos de Miraflores pelas solitárias trilhas andinas de seu país, e as paisagens humanas que encontrou encheram-lhe a alma de assombro e amargura:

*(...) "E lembrei de minha pátria triste
meu povo amordaçado
suas crianças tristes, suas ruas
despovoadas de alegria.
Lembrei, pensei, entrevi suas*

*praças vazias, sua fome,
sua miséria em cada porta.
Todos recordamos o mesmo
triste Peru, dissemos, ainda é tempo
de recuperar a primavera,
de semear de novo os campos, (...)*

*Triste Peru, aguarda,
nascerão de novos rios,
novas primaveras serão
devastadas por novos outonos,
e em cada face brilhará
uma alegria transbordante
e no povo, com sua força,
reunido e santo "[2]*

3. O engajamento político, as viagens pelo mundo e a Cuba

Em 1961, vários fatos irão marcar sua vida política. Filia-se ao Movimento Social Progressista (MSP), de tendência social democrata, integra uma ampla manifestação de repúdio à visita de Richard Nixon ao Peru e participa de um confronto entre simpatizantes da Revolução Cubana e exilados anti-castristas. Ainda em 1961 é nomeado professor de Literatura em importante colégio de Lima e, em julho daquele ano, a convite do Fórum Mundial da Juventude, viaja à União Soviética. Em Moscou visita a tumba de Lênin e escreve os poemas "*Plaza Roja 1961*" e "*En La Plaza Roja*". Viaja por alguns países da Ásia e depois para a França, onde conhece o túmulo do poeta peruano Cesar Vallejo, dedicando-lhe o poema "*En Montrouge*". Na capital francesa encontra-se com vários artistas e intelectuais peruanos, entre eles o jovem escritor Mario Vargas Llosa. E antes de deixar Paris, foi conhecer o povoado de Illiers onde vivera Marcel Proust, a quem admirava e a quem dedicou, na época, um poema. Depois de cogitar ficar em Paris para estudar cinema, resolve voltar ao Peru, contudo passando, em outubro, pela Espanha:

*(...) Esta é Madrid,
este é o meu coração
sangrando,
este é o nosso caminho,
e seguirei gritando a
verdade dos
bosques apagados,
A verdade das rosas
caídas,
a verdade de Espanha
e suas histórias.[3]*

Em princípios de 1962 renuncia ao MSP com uma carta, onde expressa:

(...) "É uma posição falsa este chamado "socialismo humanista" que condiciona toda a marcha do Movimento e o leva a uma práxis equivocada. Eu não creio que seja suficiente chamar-se revolucionário para sê-lo..." Logo depois dirá: "De agora em diante, rumarei pela rota definitiva onde brilha esplendorosa a aurora da humanidade"[4]

Em março recebe uma bolsa para estudar cinema em Cuba e parte, com escala de cinco dias em Arica, onde encontra militantes do Partido Comunista Chileno e Salvador Allende, embarcando num avião da Cubana de Aviación e, junto com outros bolsistas, chega a Havana em 4 de abril. Dias depois, com outros companheiros, tem um encontro com Fidel Castro:

*(...)“Vi a Fidel de piedra movediza,
escuché su voz de furia incontenible
hacia los enemigos.” (...)*

Percorre as cidades cubanas e conhece Santa Clara, a legendaria cidade onde o Che Guevara definiu a vitória da Revolução. Já se encontravam na ilha os peruanos Guillermo Lobatón e Fernández Gasco, que iriam liderar dois importantes grupos guerrilheiros em 1965, na região central do Peru. Encontrava-se também em Havana um grupo de 300 peruanos, operários e camponeses. Eram os quadros dissidentes do APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana), integrantes do APRA Rebelde, comandada por Luiz de La Puente Uceda. Lá chegaram outros militantes da esquerda peruana e entre eles Héctor Béjar. Atraídos pelo recente sucesso da Revolução Socialista, ali estavam para preparar-se militarmente, trazer ao Peru a experiência guerrilheira cubana e a esperança de mais uma pátria socialista no Continente. O poeta integra o grupo de 40 bolsistas que por três semanas percorrem em Sierra Maestra os lugares por onde transitaram os heróis da Revolução Cubana e, num rápido processo de transformação todos optam por preparar-se militarmente, lutar pela justiça e redenção social do Peru. Integrado ao grupo dos 40 bolsistas, Javier, em novembro volta ao Peru para dar apoio armado a Hugo Blanco, que à frente das massas camponeses do Valle de La Convención, lutava pela implantação da Reforma Agrária na província de Cusco.

4. A opção pela luta armada

Ser jovem, naqueles anos, significava fazer uma opção. O mundo na década de 60 passava por grandes transformações e novos paradigmas comandavam o comportamento da juventude. No campo ideológico tínhamos que fazer uma escolha: engajar-se na luta a favor dos oprimidos e contra a repressão e o imperialismo ou permanecer na contramão da história, defendendo os interesses inconfessáveis do poder ou, pior ainda, manter-se inconsciente da sua própria inconsciência, um espectador alienado ao que estava acontecendo no seu país, na América Latina e no mundo.

Caminhando pelo continente naqueles anos, convivi com intelectuais de várias vertentes de esquerda e me contagei com a paixão revolucionária que caldeava a história recrutando o coração da juventude. A leitura e a discussão dos importantes pensadores de esquerda disseminavam-se na cultura estudantil de todas as grandes universidades. O marxismo, com seu caráter científico e analítico da sociedade, sua mística ideológica, sua dimensão moral do “homem novo”, seu legítimo romantismo semeado pela aventura da Sierra Maestra e a saga de Che Guevara, transformou-se numa mágica convocação, numa cartilha de sonhos que, iluminada pela imagem da justiça social e da solidariedade com os pobres e oprimidos, unia, num gesto plural e despojado, intelectuais, estudantes e trabalhadores. Javier Heraud foi um exemplo eloquente dessa opção. Consciente de que somente a insurreição armada poderia banir a dominação oligárquica e o indiferente colonialismo que ainda predominava no Peru, escolheu colocar sua vida na balança do destino, embora sabendo que poderia encontrar a morte na travessia do seu sonho. Renunciando a uma grandeza literária que já se anunciava nas letras peruanas como um provável sucessor do grande Cesar Vallejo, não vacilou em despedir-se de si mesmo e assumir, com o codinome de Rodrigo Machado, a sublime missão de defender os oprimidos.

No início de 1963, o grupo, chefiado por Héctor Béjar, deixa Havana e, em vista do bloqueio continental e o controle imperial contra Cuba, seguem para Praga e, através de Paris, chegam ao Rio de Janeiro para atravessar clandestinamente o Brasil. Em 19 de janeiro, o poeta-guerrilheiro celebra seus 21 anos, na passagem por São Paulo rumo à Bolívia. Armados e guiados por esquerdistas bolivianos, os 40 quadros militares entram no Peru por Riberalta, tendo pela frente 300 quilômetros de selva, numa caminhada de cinco meses até Porto Maldonado, onde o grupo deveria dividir-se em duas colunas, sendo que a integrada por Heraud, seguiria para o Vale de La Convención, para unir-se às forças de Hugo Blanco.

Durante todo esse trajeto, contam os depoimentos dos que sobreviveram, que Heraud escrevia muito e que falava da sua entrega incondicional em favor dos camponeses explorados, dos expulsos de suas terras e dos anos que os esperavam nos longos caminhos da luta. Em seu poema *Palavras de Guerrilheiro*, ele fala do seu amor à pátria e à natureza:

*Porque minha pátria é formosa
como uma espada no ar
e tão grande agora e ainda
mais bela
eu canto e a defendo
com minha vida.*

II

*Não me importa o que digam
os traidores
nós fechamos o passado
com grossas lágrimas de aço.*

III

*O céu é nosso
nosso é o pão de cada dia
temos semeado e colhido
o trigo e a terra
são nossos
e para sempre nos pertencem
o mar
as montanhas e os pássaros.*[\[5\]](#)

Esses versos dizem de sua abnegada entrega, testemunhando que trazia na alma o estandarte veemente da justiça, quem sabe esperando um dia entregá-lo à pátria na forma poética de um epinício, celebrando em versos a vitória dos vencidos. Que maior pendão pode existir para um poeta do que cantar e lutar pelos humilhados e esquecidos? Que caminhos são mais belos que os caminhos da liberdade quando são balizados entre o sonho de um combatente e a esperança dos oprimidos?



5. A marcha na selva, a escaramuça e a travessia para a morte

Nos primeiros dias de maio a coluna expedicionária, já em marcha pela selva oriental do território peruano, destaca seis combatentes que são enviados como batedores para avaliar a segurança da rota que levariam os outros até as zonas de conflito. Em 14 de maio, depois de vários dias por trilhas amazônicas, essa vanguarda tática, da qual fazia parte Javier Heraud, chega a Porto Maldonado, uma pequena cidade, capital do departamento de Madre de Dios, a uns 40 quilômetros da fronteira boliviana, onde ficaram os demais. Entram na cidade, e o chefe do grupo, Alaín Elías, com 24 anos, é confundido com o guerrilheiro Hugo Blanco. Ao anoitecer daquele dia, buscavam se hospedar no Hotel Chávez, quando são abordados por um grupo de policiais que os intimam a apresentar-se na delegacia local. No caminho os guerrilheiros resolvem reagir, há um enfrentamento com tiros, um sargento cai morto e os guerrilheiros se dispersam em várias direções. Alaín e Javier passam a noite escondidos na floresta, mas no dia seguinte são vistos por um camponês que os denuncia, passando a ser perseguidos por policiais e pelos fazendeiros da

região, munidos com armas de caça. Fogem para o rio Madre de Dios e tentam escapar em uma canoa, contudo a polícia chega nas margens e começa a atirar. Elías atira primeiro, mas depois ambos decidem entregar-se. Neste momento aproxima-se uma lancha cheia de policiais e civis que chegam atirando. Os dois jovens pedem que não atirem e agitam uma camiseta acenando a rendição, mas os tiros continuam. Alain é ferido e se deita. Javier de pé grita que não disparem mais, mas recebe um tiro na clavícula e volta a gritar que não atirem. Alain embora baleado agita a pequena “bandeira” numa desesperada súplica de paz e compaixão. Javier ferido se recosta e todos os tiros concentram-se no seu corpo. Os estampidos se sucederam das onze e meia à uma da tarde como um sádico tiro ao alvo. É um tempo irreal, apavorante para duas vítimas indefesas, porque marca o supremo desespero da sobrevivência. As explosões ecoavam como mágicos relâmpagos explodindo o sacrário da esperança de dois jovens sonhadores. De repente, o silêncio. Uma canoa que se mantém imóvel sobre as águas. A missão estava cumprida, a dignidade humana ultrajada, o massacre consumado por militares treinados para matar e por fazendeiros treinados pela ambição e pelo ódio. Estirado sobre o tronco flutuante, os olhos do poeta buscam ainda o azul, despedindo-se do querido céu da pátria. Quem sabe, no derradeiro alento, Javier Heraud tenha-se lembrado das palavras que alguma vez escreveu àquela que lhe embalou a infância:

“Recorda tu, recordem todos que meu carinho e meu amor crescerão sempre, que nada nem ninguém nos poderão separar, ainda que estejamos distantes, e que algum dia nos reuniremos para cantar e chorar juntos, para abraçar-nos e querer-nos mais. E que eu sempre serei o menino a quem tu tiveste nos braços ainda que haja crescido por este tempo que avança e destroça os anos, mas não as recordações.” [6]

6. Javier Heraud: a vida e a poesia por um ideal

No momento em que escrevo estes relatos, 47 anos depois de sua morte, sua obra poética, reeditada muitas vezes tanto no Peru como em Cuba, é uma das mais estudadas em seu país, tanto pelo seu significado histórico na saga guerrilheira daqueles anos, como por sua precocidade literária marcada por refinado lirismo, concisão e transparência. Muitos perguntarão: o que leva um jovem intelectual de 20 anos, privilegiado por uma invejável estruturação familiar, a alistar-se numa missão tão imprevisível para defender uma causa sem interesses pessoais e onde a morte o espreitaria a cada passo? José Ingenieros ao expressar a emoção do ideal nos fala de sua ‘força misteriosa qual uma áscua sagrada capaz de nos preparar para as grandes ações e que se a deixarmos apagar, jamais se reacenderá em nós e uma vez morta nada mais seremos que fria bazófia humana’. [7] Foi essa “força misteriosa”, esse gesto de renúncia e de coragem que fez de sua vida uma paixão constante marcada em seus versos pelo persistente tema da morte, uma presença imanente em sua poesia:

*“Não desejo a vitória nem a morte,
não desejo a derrota nem a vida,
somente desejo a árvore e sua sombra,
a vida com sua morte.”* [8]

Em seus poemas, o rio é, também, sempre uma ideia forte e recorrente, como uma metáfora da vida. O rio, na poesia de Heraud, é o rio da própria vida, expressa em seu longo e belíssimo poema *El Rio*. O poeta desnuda-se em emoção e lirismo nos seus versos, semelhante ao místico significado do rio de Sidarta, no romance de Hermann Hesse. Para o poeta peruano o rio é sua própria imagem, um corpo que caminha angustiosamente em busca do destino. É o movimento incessante por onde escorre o tempo e navega o seu espírito de poeta, fluindo às vezes em desatada emoção e envolvendo a natureza em todo o seu entorno. Mas é também e, paradoxalmente, em muitos versos, como uma premonição do lugar onde ocorreria sua morte.

Eu sou um rio,

*vou descendo
pelas largas pedras,
vou descendo
pelas rochas duras,
pelo caminho
desenhado pelo
vento.
Há árvores em minha
volta, sombreadas
pela chuva.
Eu sou um rio,
desço sempre mais
furiosamente,
mais violentamente
eu desço
cada vez que
uma ponte me reflete
em seus arcos.*

*Eu sou um rio
um rio
um rio
cristalino no
amanhecer.
Às vezes sou
terno e
bondoso.
Deslizo suavemente
pelos vales férteis,
dou de beber mil vezes
ao gado, à gente dócil.
As crianças se acercam de mim
de dia
e
de noite trêmulos amantes
apoiam seus olhos nos meus
e fundem seus braços
na escura claridade
de minhas águas fantasmagóricas.(...) [9]*

7. O intelectual brilhante

Aos 16 anos Javier Heraud ingressa, em primeiro lugar, no curso de Letras na Universidade Católica do Peru e começa a dar aulas de espanhol e inglês em colégios secundários. Aos 19 anos entra na Faculdade de Direito da Universidade de San Marcos em cujo ambiente oferece seus primeiros recitais e relaciona-se com os principais poetas da época: Washington Delgado, Cesar Calvo, Javier Sologuren, Arturo Corcuera entre outros. José Miguel Oviedo, considerado um dos maiores críticos literários peruanos, ao resenhar seu livro *El viaje*, em 1960, afirma sobre o poeta que ainda não completara 20 anos:

“Javier Heraud -- ya no cabe duda -- es la mejor esperanza que la poesía peruana tiene dentro de las novísimas generaciones” [10]

Nessa idade, já com uma grande cultura literária, lê Marx e Lênin, penetra na historicidade do

Peru, estudando suas profundas contradições sociais na década de 60 e transforma todo esse conhecimento em consciência revolucionária. Tudo, na pessoa de Javier Heraud era uma luminosa promessa. Quer como poeta, quer como revolucionário. Em Heraud projetava-se, potencialmente, a imagem do grande intelectual engajado, assim como foi José Carlos Mariátegui (1895-1930) como homem de ideias e tido como o maior e mais original pensador marxista latinoamericano. Semelhante a Mariátegui, pela precocidade e pela abrangência de sua intelectualidade, Javier Heraud era, relativamente, aos 21 anos, um intelectual completo, orgânico, poeticamente voltado para o profundo significado da vida (e da morte) e politicamente comprometido com os movimentos sociais do seu tempo. Isso para fazermos um paralelo apenas com intelectuais marxistas, como eram também, pela sua abrangência, Neruda e Vallejo.

Quando estive em Paris, de volta da União Soviética, em julho de 1961, seu período na capital francesa foi aproveitado ao máximo. Em carta à família ele escreve:

(...) "Aqui não posso desperdiçar uma hora. Há muitas coisas, insisto, que tenho que aprender. Música, pintura, teatro, museus, ciências, livros, etc. Quero formar-me bem para depois ser útil à revolução e ao meu país."(...) [11]

Em Paris, teve um curto período de convivência com Mario Vargas Llosa, na época com 25 anos. Em um longo depoimento em 1981 para Cecília Heraud Perez, irmã do poeta, o laureado escritor peruano relata:

(...) Nesses dias, nos víamos muito, praticamente todos os dias, conversávamos por longo tempo e muito identificados. Nasceu uma relação muito cordial, muito próxima, porque ele era uma pessoa sumamente afetuosa, sumamente simples, com uma coisa muito pura, ingênua, uma imensa candura no melhor sentido da palavra.

(...) A viagem tinha sido um fator de radicalização para ele. Creio que naqueles momentos militava no Social Progressismo e no retorno da União Soviética, já em Paris, todos vivíamos nesse momento uma radicalização. Eu também estava bastante radicalizado, sobretudo com o entusiasmo que despertou em todos nós a revolução cubana.

Javier participava absolutamente desse sentimento, dessa atividade e esse foi um dos longos temas de nossas conversações. Falamos muito de política, da impressão que lhe causara a viagem, de sua radicalização, da problemática peruana, mas também muito de literatura, porque a vocação literária de Javier era enorme, uma vocação realmente muito forte, evidente, ou seja, era algo que ele sentia à flor da pele. Ele me falou de um projeto de escrever baladas, uma série de baladas sobre temas despojados, muito simples, uma poesia narrativa, quase didática. (...) uma poesia para o povo, no melhor sentido da palavra, mas escrita com qualidade literária.

(...) Ele tinha 19 anos, era grande, alto, bastante forte, com olhos claros, ao mesmo tempo com uma transparência que imediatamente seduzia. A mim me seduziu fortemente sua personalidade e realmente tive com ele uma comunicação muito próxima, uma boa amizade, apesar de um contato rápido e passageiro.

Depois ele foi passar alguns dias em Madrid, onde recebi um cartão postal. Retornou ao Peru, e me escreveu uma carta bastante atormentada onde me fala de uma crise muito profunda, que por um lado é uma crise política, a crise em que vivia o país, num clima de repressão e bastante desesperançada politicamente (...)

(...) Quando Javier esteve em Paris eu acabava de escrever La ciudad e los perros. Eu li para ele alguns capítulos do romance, a descrição de La Victoria, de um personagem que vai à rua Huatica frequentada pelas prostitutas, lembro de ter-lhe lido sobre isso e lhe perguntado se sua geração ainda tinha aqueles costumes, como a minha, ou foi uma geração que mudou seus ritos.. "Essa descrição - disse-me - incomoda-me um pouco." [12]

O que certamente Javier Heraud jamais poderia imaginar é que, como um jovem poeta de 19 anos, pudesse ser entrevistado, em Paris, por um peruano que um dia seria distinguido com o

Prêmio Nobel de Literatura? É que Vargas Llosa naqueles anos trabalhava na Radiodifusão-Televisão Francesa onde tinha um programa cultural emitido para toda a América Latina. No dia 1º de setembro de 1961 ele entrevistou o poeta Javier Heraud transmitindo suas opiniões e seus versos para o continente, causando profunda emoção à família e aos muitos amigos que o ouviram em Lima. Javier falou sobre a poesia peruana e citou os poetas que influenciaram sua formação nomeando Vallejo, Neruda, os espanhóis Antonio Machado, García Lorca, Miguel Hernandez e o inglês Dylan Thomas. É um diálogo rico e inteligente entre dois jovens escritores cujos passos seriam marcados por destinos radicalmente diferentes. Javier morreria como guerrilheiro dali há dois anos nas selvas peruanas e Vargas Llosa seguiria sua grande carreira de escritor, recebendo em Estocolmo, quase que exatamente 49 anos depois, o mais cobiçado prêmio literário do planeta.

Este pequeno convívio de Javier com Vargas Llosa deixou em ambos fortes sentimentos de amizade. Cerca de um ano depois do encontro em Paris, Vargas Llosa foi a Cuba e procurou por Javier. O ex-guerrilheiro peruano Alfonso Imaña, na época em Havana, relata o fato:

"Eu saí alguns dias de Havana, para cumprir um encargo e um membro do Governo cubano, das Relações Exteriores, me disse:

-- Há um peruano, um amigo de vocês procurando por Javier, já faz alguns dias que deseja falar com ele. É um escritor que vem da Europa.

Cheguei a falar com ele, era Vargas Llosa, e conversando com ele no hotel Riviera perguntei-lhe por que queria ver Javier (...)

Acontece que Javier estava em treinamento militar, longe de Havana e isso não podia ser revelado a Vargas Llosa, que não ficou satisfeito com a explicação evasiva de Alfonso. Mas alguns dias depois Javier retorna à capital e recebe o recado.

(...) Eu me lembro claramente que estava no lobby do Hotel Riviera, em Havana, onde fomos à procura de algumas pessoas, e também de Mario Vargas Llosa pois haviam dito a Javier que ele o estava procurando. Chamam-no e Vargas Llosa aparece, cumprimenta-me rapidamente e se abraça com ele, lembro-me perfeitamente. "(...)[13]

Muitos depoimentos creditam o precoce brilhantismo intelectual de Javier Heraud. Julio Dagnino, jornalista e educador peruano, que participou do mesmo grupo de Javier que voltou de Cuba para o Peru, comenta a precocidade intelectual do poeta: [14]

"De Havana para a Bolívia tínhamos viajado por rotas diferentes para alcançar nosso objetivo de entrar armados no país. Com Javier Heraud me avistei novamente em La Paz. Nos cruzamos sem falar pois viajávamos clandestinos. Quando sulcávamos o rio Chapare, em Cochabamba, nos voltamos a ver; a propósito do círculo que se formou com ele, Héctor Béjar, Abraham Lama (Junco) e eu. Nas margens do rio, entre outras coisas, discutimos sobre o realismo socialista e a presença "canônica" de Joyce e Proust. Nesse debate Javier, que era muitos anos mais jovem do que nós, se destacou. A maneira de colocar o problema e o desenvolvimento não esquemático que deu ao papel da literatura no processo da revolução socialista foi convincente no círculo que era conhecido, por suas críticas ao rumo que então vinha tomando o realismo socialista "[15]

Nas três semanas em que o poeta percorreu Sierra Maestra, em meados de 1962, junto com o grupo de bolsistas peruanos estava Ricardo Gadea -- irmão da peruana Hilda Gadea, primeira esposa de Ernesto Che Guevara --. Conta Ricardo:

(...) "Conversei muito com Heraud. Um jovem com uma procedência diferente da média. Um verdadeiro intelectual, apesar de sua juventude. Uma promessa. Tinha a possibilidade de ir para a Europa, mas estava ali, na Sierra Maestra. Hesitava. Tinha dúvidas". Quando de retorno a Havana, no entanto, Fidel confrontou o grupo com a escolha final - profissão ou revolução? - O poeta cruzou o Rubicão para a luta armada. Havia nascido Rodrigo Machado. Ninguém como ele

expressaria o espírito com que aquele compromisso era assumido:"

"Rodrigo Machado nasceu num dia de julho, em Havana, no ano de 1962. (Sua idade não se sabe ainda, pois tem a idade da luta de seu povo.) A guerra contra o imperialismo, à que irá junto com 40 companheiros, vai dizer ou calar os anos que ele haverá de cumprir. Cairá em alguma montanha perfurado com uma bala no corpo? Seguirá na viagem da esperança ou será enterrado no leito de um rio, então completamente seco? Não, os rios da vida, da esperança, continuarão fluindo em torrentes cristalinas. Porque no rio está a vida de um homem de muitos homens, de um povo de muitos povos. E Rodrigo Machado, de pé ou deitado, seguirá cantando ao homem, com um fuzil, porque o fuzil será um dos meios para alcançar a liberdade. E uma vez livres, os homens dignos e honrados dirão ao mundo a verdade sobre o nosso povo, sobre suas lutas e a vida futura. Só então, Rodrigo Machado e com ele os 40 que partiram para a vida (de pé ou debaixo da terra) se sentirão felizes e ditosos. [16]

7. O herói de sua geração

Em dezembro de 1969 escrevi em Lima três poemas em castelhano: "El marinero y su barco", "El caminante y su tiempo" e "Réquiem para un poeta guerrillero", [17] este dedicado à memória de Javier Heraud:

*Com trinta balaços de ódio
seus doces olhos tombaram
crime tão grande, senhores
árvores e pássaros choraram.*

*E caiu morto o poeta
alma imensa, iluminada
como ele caíram outros
Lord Byron caiu na Grécia
García Lorca em Granada.*

*– Diga-me, irmão camponês...
por quem morreu Javier?*

*– Por seu sonho, viajante!
porque há homens que nascem
com o sangue predestinado;
Javier morreu de justo
pelo pão de cada dia,
morreu pela gente pobre
por sua fome e agonia.*

*Ai poeta, hermano mio
verde cigarra de espanto
em teu corpo metralhado
o sangue escorreu teu canto.*

*E a noite comemorou
a vitória dos generais.
O povo amanhã virá
com sua voz de mil punhais.*

*Me contaram de um lugar
onde um rio canta dolente*

*e que suas águas choram
pela morte de um valente.*

Quando em janeiro de 1970 os estudantes de Arequipa publicaram uma coletânea de meus versos com o nome de *Poemas de América Latina*, -- onde constava este poema a Heraud -- um trecho, com uma referência ao poeta, colocado na contracapa do livreto, atestava, há menos de seis anos de sua morte, que seu nome já era uma lenda entre a combativa classe dos estudantes peruanos. O texto, com a característica linguagem política da época, expressava que:

"A revolução não é uma palavra. É uma tarefa heroica que deve ser iniciada sem demora, aqui e agora. Isso deverá ser compreendido por todos nós. Também deveríamos compreender que a revolução é modelo de conduta a seguir, para que depois possamos dizer com plenitude como Javier Heraud: "Soube viver e soube morrer como homem digno". [18]

Javier foi o herói poético de sua geração. Para mim, um estrangeiro recém-chegado no país, todo aquele reconhecimento pela imagem de um poeta -- morto entre tantos outros jovens combatentes naqueles anos de grandes confrontos guerrilheiros no Peru -- era um fato novo no solitário mundo dos poetas, esses seres tão desgarrados do mundo. Muitos relatos da época mostram que não se dava importância à poesia e aos poetas nos meios políticos e guerrilheiros das organizações que lutavam no Peru e em outras partes do continente. Eu senti tantas vezes este desprezo pelos poetas por parte dos revolucionários, em parte justificada pelo excessivo intelectualismo com que a maioria dos poetas escreve seus poemas, sem aquela linguagem simples e sincera com que Javier escreveu seus versos. Em 1960 ele renunciou à influência surrealista e ao ambiente de elitismo literário que predominava nos meios acadêmicos da Universidade de San Marcos e quando em janeiro de 1961 é convidado a participar do ciclo de eventos culturais "El Artista y La Época" no Instituto José Carlos Mariátegui, ao oferecer um recital com poemas de seu livro "El viaje", declara :

"(...) que a poesia, longe de ser uma isolada e solitária criação do artista, é um testemunho da grandeza e da miséria dos homens, uma voz que denuncia o horror e clama por solidariedade e por justiça;" (...) [19]

Estranhamente, nós, os poetas engajados, também éramos vistos com indiferença e até desprezo pelos próprios poetas não comprometidos com a história do seu tempo, um pouco semelhantes àqueles "poetas celestes" ironizados por Neruda em seu "Canto Geral":

*(...) "que fizestes vós gidistas,
intelectualistas, rilkistas,
misterizantes, falsos bruxos
existenciais, papoulas
surrealistas acesas
numa tumba, europeizados
cadáveres da moda,
pálidas lombrigas do queijo
capitalista, que fizeste
ante o reinado da angústia,
frente a este escuro ser humano,
a esta escarnecida compostura,
a esta cabeça submersa
no esterco, a esta essência
de ásperas vidas pisoteadas?" (...) [20]*

Eu, contudo, considero todos os poetas meus irmãos nesta busca pelos tantos caminhos que levam ao encanto, à "beleza pura", mas também à justiça e à liberdade. Em outubro de 1969, em

Cochabamba, participando de um Congresso Nacional de Poetas, embora tenha sentido essa frieza por parte de alguns poetas participantes, -- quem sabe "maculados" com o caráter político dos meus versos -- resolvi "convocá-los", e a todos os poetas da América, escrevendo, naqueles dias, o poema " *O sonho do semeador*":

*(...) Poetas da América...
mais que nunca é preciso cantar
é preciso fazer com que as palavras sejam uvas
é preciso embriagar os homens
para que todos conheçam o sabor da vida.
É preciso alistar nosso lirismo
desertado das fileiras dessa luta.
Desertado pelos que não comprometem a estesia do seu canto...
que falam de flores
indiferentes aos campos calcinados da pátria,
que declamam seus versos de amor
cegos aos transeuntes da fome e do abandono
e é missão dos poetas cantar seus olhos de súplica
denunciar que a morte ronda seus ventres
e que eles são milhares nas barriadas
tugúrios e calhampas das vossas cidades
nas favelas do meu país
na verdade eles são milhares em todas as nacionalidades
e é preciso que eles sejam celebrados na beleza da poesia
é preciso decantar seu desencanto
e reconstruir, para eles, a esperança.
E por isso,
quando me perguntam de que vale um poeta no mundo
eu respondo com meu canto de filho proletário
com minha infância descalça e sem brinquedos
com todas as crianças do mundo que fui em meu estômago de água...

e só assim posso ouvir meu coração de povo
sentir meu canto nascer como um grito de combate
e eis porque deve nascer uma canção na América
para que possamos semear o sonho no coração dos homens
para que possamos metralhar com um punhado de palavras.(...)[21]*

Javier Heraud também sentiu essa estranheza por parte de alguns militantes com quem compartilhou as fileiras guerrilheiras, já que ele sempre escrevia e falava de poesia durante suas atividades como combatente. Muitos de seus companheiros somente compreenderam a sua dimensão como poeta depois de sua morte. Alguns deles deram depoimentos nesse sentido, lembrando seu desprezo pela poesia e penitenciando-se, posteriormente, com uma sincera " *mea culpa*". Muitos revolucionários latinoamericanos e brasileiros achavam muito estranho que eu tivesse que fugir do Brasil em função da minha poesia. Contudo o caso de Heraud era um fato isolado, porque pude constatar pelos caminhos que, depois de sua morte, tudo mudou e sua imagem de poeta renascia a cada dia. Renascia na voz e nas tantas canções que lhe fez a extraordinária cantora peruana Chabuca Granda. Renasceu nos monumentos que se erguem em seu nome, nas tantas edições de sua obra reunida e, projetando-se na história literária do continente. O escritor italiano Giuseppe Bellini, considerado o principal crítico e estudioso da literatura hispanoamericana na Europa, cita duas vezes Javier Heraud em sua abrangente *Historia de la literatura hispanoamericana*. Numa delas, ao referir-se ao grande poeta salvadorenho Roque Dalton García (1935-1975), comenta seu assassinato dentro da própria organização em que militava, afirmando que:

"se converteu em símbolo -- como o peruano Heraud e o argentino Urondo -- do compromisso da poesia latinoamericana ante a história"[22].

A poesia de Heraud tem aparecido em importantes antologias poéticas latinoamericanas, e já desde aqueles anos, como na "Poesia Rebelde de América" organizada pelo escritor equatoriano Miguel Donoso Pareja e lançada em 1971 na Cidade do México, [23] onde aparece publicado seu conhecido poema *Yo no me rio de la muerte* :[24]

*Eu nunca rio
da morte.
Simplesmente
acontece que
não tenho
medo
de
morrer
entre
pássaros e árvores.*

*Eu não rio da morte.
Mas às vezes tenho sede
e peço um pouco de vida,
às vezes tenho sede e pergunto
diariamente e, como sempre
acontece, não encontro respostas
mas sim uma gargalhada profunda
e negra. Já disse que nunca
costumo rir da morte
mas conheço sua branca
face, sua tétrica vestimenta.*

*Eu não rio da morte.
Contudo, conheço sua
branca casa, conheço sua
branca vestimenta, conheço
sua umidade e seu silêncio.*

*É claro, a morte não
me visitou ainda,
e vocês perguntarão: o que
sabes dela? Eu não sei nada.
Também isso é verdade.
Mas sei que quando ela chegar
eu a estarei esperando
eu a estarei esperando de pé
ou talvez tomando o café da manhã.
Eu a olharei brandamente
(Não irei me assustar!)
e como eu nunca ri
de seu manto, eu a acompanharei,
sozinho e solitário.*

8. Nos passos da posteridade

Depois de sua morte o Exército de Libertação Nacional do Peru (ELN), em que militava, retomou a luta, em 1965, sob o comando de Héctor Béjar, e em sua memória a Organização passou a chamar-se *Guerrilha Javier Heraud*. Béjar, seu companheiro de armas desde os treinamentos militares no quartel Camilo Cienfuegos, em Cuba, -- um dos poucos comandantes da guerrilha peruana que sobreviveu e posteriormente laureado com o Prêmio Literário Casa de Las Américas -- referindo-se anos mais tarde ao poeta, testemunhou:

(...) "Creio que Javier é um caso extraordinário em que a poesia e a revolução se entrelaçam com uma força sem precedentes na nossa história. Javier continuou a escrever até mesmo na guerrilha (...) É evidente que também sua poesia mostra um desenvolvimento que infelizmente não é muito conhecido, porque grande parte de seus poemas foram perdidos com a sua morte. Mas, acredito que ele, embora seja difícil dizer isso, e sempre é muito arriscado dizer o que se possa pensar -- de alguém que morreu --, que tenha decidido ser sobretudo um combatente, um revolucionário. Essa era a sua atitude" (...)[25]

Um mês depois do seu assassinato em Puerto Maldonado, realizou-se em Lima, na Universidade Nacional de Engenharia, uma homenagem à sua memória, na qual estava presente uma das maiores expressões da literatura peruana da época: José Maria Arguedas. O autor de *Os Rios Profundos*, entre outras verdades, disse:

(...) "E agora me permitam dizer algumas palavras sobre o puríssimo poeta Javier Heraud cuja afeição ganhei honestamente.

▮ Tendo em conta a personalidade de Javier Heraud, apenas duas possibilidades lhe foram oferecidas no Peru: a glória literária, ou o martírio. Preferiu a mais árdua, a que não oferece as recompensas a que humanamente aspiram quase todos os homens. É raro que num país como o nosso se apresentem exemplos como este.

Até o dia de hoje, os que têm a responsabilidade do governo e do destino do Peru, não permitiram um único campo de ação sequer para aqueles que anseiam a verdadeira justiça, ou seja, o caminho aberto para a igualdade econômica e social que corresponda à igualdade da natureza humana; esse caminho é o da rebelião, do assédio e o da morte. Javier o escolheu, mas não nos esqueçamos que ele foi forçado a escolher. Talvez tivesse agido de forma diferente em um país sem tanta crueldade para os despossuídos, sem a crueldade que se requer para manter as crianças escravas, "colonos" escravos e "barriadas" onde o cão sem dono e a criança abandonada comem o lixo, juntos.

Para aqueles que estão cegos pelo egoísmo e furiosos contra os que clamam por um pouco de justiça, a morte de Javier, por mais que pretendam desfigurá-la, é uma advertência suficientemente eloquente, talvez a única eficaz, para os outros egoístas de todo tipo; estudantes ou não, escritores que tratam apenas de lavar sua "glória" e não expressam a vida com maior pureza, o caso de Heraud é também uma advertência. Acho que Javier encontrou a imortalidade verdadeira, aquela que a poesia, por si só, quem sabe não lhe teria dado. Não o esqueçamos." (...)[26]

Quando em 1989, Cecilia Heraud Perez, irmã do poeta, editou, em Lima, seu livro *Vida y muerte de Javier Heraud (Recuerdos, testimonios y documentos)*, revelou cartas e poemas inéditos, bem como muitos depoimentos de poetas, amigos e sobreviventes das guerrilhas. Há relatos emocionantes sobre o caráter cristalino de Javier e os sentimentos de solidariedade e a imensa compaixão que ele tinha pelos que sofriam necessidades e injustiças. Numa passagem, na página 198, o ex-guerrilheiro Manuel Cabrera conta que chegando a La Paz, a caminho do Peru, estavam ambos hospedados no hotel Ferrocarril, quando numa noite ouviram os gritos desesperados de uma mulher sendo agredida. -- Vamos intervir -- disse ele. Cabrera respondeu que não, já que poderiam ter problemas com a polícia. -- Mas como, -- respondeu ele indignado -- vamos deixar que matem essa mulher? Não podemos pôr a missão em risco, respondeu Cabrera. Na manhã seguinte, viram o sangue no corredor e souberam que quem estava espancando a

mulher era um agente da PIP, a Policia de Investigações. Cabrera conclui o episódio expressando: "Así era Javier de sensible". O livro traz outros depoimentos destacando seu caráter fraterno e compassivo, mas nosso espaço não comporta tantas informações. Cecilia Heraud revelou também, entre os versos inéditos de Javier, um de seus mais belos e longos poemas: *Oda a Pablo Neruda*. São 20 cantos, onde ao longo de 265 versos ele evoca, com refinado lirismo, partes da temática do *Canto Geral* e outras obras de Neruda. Reproduzimos aqui, pelas mesmas limitações de espaço, apenas os três primeiros cantos:

I

*Vieste a mim como um
rápido corcel. Me trazias
unhas duras e douradas
e uvas secas e
invisíveis.*

*Eras erva enredada em
teu cabelo, entrelaçada
árvore, te fizeste
ouro, alma te tornaste
em minha alma.*

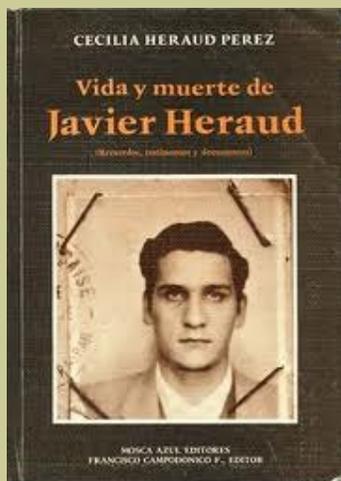
II

*Agora és a rosa
que hoje se anuncia.
E então foste a voz
seca do carvalho
endurecido.*

*E novamente és
a luz e a luz
iluminada.*

III

*Tu eras canto
num mundo de oferendas.
Eras pão e pedra
perfurada. Eras
frescor, inumerável,
escrevendo no
coração, no
pássaro, na
água enrugada." (...)[27]*



familia Heraud:

No mês seguinte da morte do poeta, Neruda enviou esta carta à

Universidade do Chile
Ilha Negra, junho de 1963

Li com grande emoção as palavras de Alejandro Romualdo sobre Javier Heraud. Também o valioso exame de Washigton Delgado, os protestos de Cesar Calvo, de Reinaldo Naranjo, de Arturo Corcuera, de Gustavo Valcárcel. Também li o comovente relato de Jorge A. Heraud, pai do poeta Javier.

Sinto que uma grande ferida foi aberta no coração do Peru e que a poesia e o sangue do jovem caído seguem resplandecentes, inesquecíveis.

Morrer aos vinte anos crivado de balas "desnudos e sem armas no meio do rio Madre de Dios, quando estava à deriva sem remos ..." o jovem poeta morto ali, esmagado ali naquelas solidões pelas forças das trevas. Nossa América escura, nosso tempo escuro.

Não tive a ventura de conhecê-lo. Pelo que vocês contam, pelo que choram, pelo que recordam, sua curta vida foi um deslumbrante relâmpago de energia e de alegria.

Honra à sua memória luminosa. Guardaremos seu nome bem escrito. Bem gravado no mais alto e no mais profundo para que continue resplandecendo. Todos o verão, todos o amarão no amanhã, na hora da luz.

Pablo Neruda [28]

Além da mensagem de Neruda chegou de Cuba, em Julho de 1963, uma carta de Nicolás Guillén, dirigida ao poeta Gustavo Valcárcel, lamentando a morte de Heraud e comentando que os (...) "jóvenes cubanos que hoy lo lloran, lo quisieron como hermano, pues fraternal era su corazón tanto como lúcida su inteligencia." (...)

E entre os documentos inéditos, o livro de Cecília Heraud revelou também esta carta:

Nov. 62. Havana, Cuba
Querida mãe:

"Não sei quando poderás ler esta carta. Se a leres significa que algo aconteceu na Serra e que já não poderei saudar-te e abraçar-te como sempre. Se soubesses quanto te amo! Se soubesses que agora que me disponho a sair de Cuba para entrar em minha pátria e abrir uma frente guerrilheira penso mais que nunca em ti, em meu pai, em meus irmãos tão queridos!

Vou à guerra pela alegria, por minha pátria, pelo amor que tenho, por tudo enfim. Não me guardes mágoa se algo me acontecer. Eu quisera viver para agradecer o que fizeste por mim, mas não poderia viver sem servir ao meu povo e a minha pátria. Isso tu bem sabes, pois me criaste honrado e justo, amante da verdade e da justiça.

Porque sei que minha pátria mudará, sei que tu também te acharás ditosa e feliz, em companhia de meu pai amado e de meus irmãos. E que minha ausência logo será preenchida com a alegria e a esperança da pátria.

Te beija, teu filho,
Javier." [29]

No dia 2 de maio de 2008 os restos mortais de Javier Heraud são trasladados de Puerto Maldonado para Lima. A cada ano, no dia 15 de maio, crescem as manifestações em sua homenagem por todo o Peru. Poetas declamam seus versos, conferências e palestras são proferidas por escritores, intelectuais e ex-guerrilheiros. Cantores entoam as tantas canções feitas em sua memória e novos artigos e ensaios são publicados sobre sua poesia. As organizações de esquerda relembram a bandeira que empunhou, seu heroísmo e seu martírio e o Governo peruano, através da Secretaria Nacional da Juventude, promove nacionalmente o Prêmio Juvenil de Poesia "Javier Heraud", para jovens poetas entre 15 e 28 anos. Além dos três livros já citados,

sua produção sempre foi incessante seguindo-se as obras *Poemas de la tierra, Viajes Imaginários e Ensayo a dos voces* (Escrito com César Calvo). Postumamente foram publicados seus *Poemas de Rodrigo Machado* e *Otros poemas dispersos de Javier Heraud*.

Quantos sonhos se aninharam em seus breves anos! Quanta beleza ansiava florescer na aldeia de sua alma! Morrer aos 21 anos quando se é poeta!!! -- Temos célebres exemplos em nosso Romantismo: Álvares de Azevedo, aos 20, Casimiro de Abreu, aos 21 e Castro Alves, aos 24. -- Deixar, com tão poucos anos, oito livros e quando os mais belos versos certamente ainda moravam no amanhã. Morrer infante, quando todas as flores e frutos ainda são promessas e a vida transita entre a seiva e a semente. Morrer poeta com uma lira apenas dedilhada, quando suas palavras cantavam novos hinos libertários. Morrer guerrilheiro, com uma trincheira apenas entreaberta nos seus passos, e morrer assim, abatido no primeiro embate, interrompendo uma alvorada, abortando a esperança. Mas, se a morte surge como um gesto de resistência e de renúncia, na encruzilhada dessa luta milenar entre opressores e oprimidos, o guerreiro cai para erguer-se na memória luminosa da posteridade, na saudade imperecível dos amores e nos anais da história e da pátria agradecida.

Leitor amigo, se um dia fores a Lima, visite o túmulo do poeta peruano Javier Heraud no Cemitério Los Jardines de La Paz. Ali jaz o que de mortal ficou de um coração nobre, valente e compassivo. Um ser humano que deu tudo sem nada pedir. Deu sua imensa pureza no lírico sabor de sua poesia e deu sua vida, ainda em botão, por um sonho de amor e de justiça. Pediu apenas que, sobre seus restos, a vida continuasse a florescer:

*Quero que saiam dois gerânios dos meus olhos,
de minha frente duas rosas brancas,
e de minha boca, (por onde saem minhas palavras)
um cedro forte e perene
que me dê sombra
quando arder dentro e fora,
que me dê vento
quando a chuva dispersar meus ossos.
Jogem-me água, todas as manhãs,
fresca e de um rio próximo
que eu serei o adubo
das minhas próprias plantas.[30]*

Referências, notas e traduções:

[1] Esse artigo integra o texto de um livro que o autor está escrevendo sobre os anos que passou na América Latina , nas décadas de 60/70. As notas e traduções são do autor.

[2] PEREZ, Cecília Heraud. *Vida y muerte de Javier Heraud*. Lima, Mosca Azul Editores, 1989, p.88. (...) "Y recordé mi triste pátria /mi pueblo amordazado /sus tristes niños, sus calles /despobadas de alegría. /Recordé, pensé, entreví sus /plazas vacías, su hambre /su miseria en cada puerta. /Todos recordamos lo mismo /triste Peru, dijimos, aún es tiempo /de recuperar la primavera",/ de sembrar de nuevo los campos, // Triste Peru, aguarda, /nacerán nuevos ríos, / primaveras nuevas serán / devastadas por nuevos otoños / y en cada rostro brillará /la alegría rebotante /y la fortaleza del pueblo /reunido y santo."

[3] HERAUD, Javier. *Poesías Completas*, in: "Vida y muerte en la poesía de Javier Heraud" Lima, Campodónico Ediciones, 1975.

(...) Esta es Madrid, /éste es mi corazón /sangrando, /éste es nuestro camino, /y seguiré gritando la /verdad de los /bosques apagados, /La verdad de las rosas /caídas,/la verdad de Espana / y sus

historias.”

[4] PEREZ, Cecília Heraud. *Op. Cit.*, p.142.

(...) “Es el planteamiento falso de este llamado “socialismo humanista” lo que está condicionando toda la marcha del Movimiento y que lo lleva a una praxis equivocada. Yo no creo que sea suficiente llamarse revolucionario para serlo...”. Luego diría: “De ahora en adelante , me enrumbaré por la ruta definitiva donde brilla esplendorosa el alba de la humanidad.”

[5] HERAUD, Javier. *Op. Cit.*

Porque mi patria es hermosa / como una espada en el aire / y mas grande ahora y aún mas hermosa todavía / yo hablo y la defiendo / con mi vida. // No me importa lo que digan / los traidores, / hemos cerrado el pasado. / Con gruesas lagrimas de acero. //El cielo es nuestro, /nuestro el pan de cada día, / hemos sembrado y cosechado / el trigo y la tierra /son nuestros /y para siempre nos pertenecen / el mar /las montañas y los pajaros.

[6] Idem.

"Recuerda tú, recuerden todos que mi cariño y mi amor crecerán siempre, que nada ni nadie nos podrá separar aunque estemos lejos, y que algún día nos reuniremos para cantar y llorar juntos, para abrazarnos y querernos más. Y que yo siempre seré el niño a quien tú tuviste en brazos aunque haya crecido por este tiempo que avanza y destroza los años, pero no los recuerdos".

[7] INGENIEROS, José. *O homem medíocre*. Rio de Janeiro. Tupã Editora. 9ª ed., s/d

[8] HERAUD, Javier. *Op. cit.*, in “Vida y muerte en la poesía de Javier Heraud”

“No deseo la victoria ni la muerte, / no deseo la derrota ni la vida, /sólo deseo el árbol y su sombra,
la vida con su muerte”.

[9] .HERAUD, Javier, *El Río*. Colección Cuadernos del Hontanar, Lima, 1960

Yo soy un río, /voy bajando por /las piedras anchas,/ voy bajando por /las rocas duras, /por el sendero /
dibujado por el /viento./ Hay árboles a mi /alrededor sombreados /por la lluvia./Yo soy un río, /bajo cada vez más / furiosamente, /más violentamente /bajo /cada vez que /un puente me refleja / en sus arcos.// Yo soy un rio / un rio / un rio / cristalino en la /mañana. / A veces soy / tierno y / bondadoso. Me / deslizo suavemente / por los valles fértiles, / doy de beber miles de veces / al ganado, a la gente dócil. Los niños se me acercan de / día, / y / de noche trémulos amantes / apoyan sus ojos en los míos, / y hunden sus brazos / en la oscura claridad / de mis aguas fantasmales.

[10] PEREZ, Cecília Heraud. *Opus cit.*, p.84.

[11] Idem, p. 98.

(...) “Aqui no puedo desperdiciar una hora. Hay muchas cosas, insisto, que tengo que aprender: Música, pintura, teatro, museos, ciencias, libros, etc. Quiero formarme bien para después ser útil a mi revolución y a mi país.” (...)

[12] Idem, p. 96-97.

(...) En esos días nos vimos mucho, prácticamente todos los días, conversamos largo y parejo. Se estableció una relación muy cordial, muy estrecha porque él era una persona sumamente afectuosa, sumamente sencilla, con una cosa muy pura, ingenua, tenía algo candoroso en el mejor sentido de la palabra.

(...) El viaje había sido un factor de radicalización para él. Estaba en esos momentos creo, militando en el Social Progresismo y al regreso de la Unión Soviética, ya en París, todos vivíamos en ese momento una radicalización. Yo también estaba bastante redicalizado, sobre todo con el

entusiasmo que había despertado en todos nosotros la revolución cubana.

Javier participaba absolutamente de ese sentimiento, de esa actividad y ese fue uno de los temas largos de conversación. Hablamos mucho de política, de esta impresión que le había hecho el viaje, de esa radicalización suya, de la problemática peruana, pero también mucho de literatura, porque la vocación literaria de Javier era enorme, una vocación realmente muy fuerte, evidente, es decir, era una cosa que estaba en él a flor de piel. Me habló de un proyecto de escribir baladas, una serie de baladas sobre temas muy sencillos, muy simples, una poesía narrativa, casi didáctica. (...) una poesía popular en el buen sentido de la palabra, acompañada de una exigencia literaria .

(...) Tenía 19 años, era grande, alto, más bien fuerte, con unos ojos claros y al mismo tiempo con una transparencia que inmediatamente seducía. A mí me sedujo muchísimo la personalidad de él y me senti realmente en una comunicación muy estrecha, en una buena amistad con él, a pesar de que fue un contacto rápido y pasajero.

Después, él se fue a Madrid por unos días, de donde recibí una postal. Regresó al Perú y me escribió, carta bastante atormentada donde me habla de una crisis muy profunda que por una parte es una crisis política, por la crisis que vivía el país, por la atmósfera represiva, bastante desesperanzada políticamente (...)

Quando Javier estuvo en París, acabava de escribir *La ciudad y los perros*. Yo le leí a Javier capítulos de la novela, la descripción de La Victoria, de un personaje que va al jirón Huatica donde andan las prostitutas, recuerdo haberle leído eso y haberle preguntado si su generación todavía tenía esos ritos, como la mía, o era una generación que ya cambió de ritos. "Esa descripción -- me dijo -- me molesta un poco".

[13] Idem.,. p. 177-178

"Yo salí unos días a La Habana por un encargo que tenía que cumplir y un miembro del Gobierno Cubano, de Relaciones Exteriores me dijo:

-- Hay un peruano, un amigo de ustedes que busca a Javier, hace varios días que quiere hablar con él. Es un escritor que viene de Europa.

Llegué a hablar con él, era Vargas Llosa, y he conversado con él en el hotel Riviera preguntándole el motivo por el que quería ver Javier(...)

(...) Yo recuerdo claramente, estoy en el hall del hotel Riviera de La Habana a donde hemos ido buscar a algunas personas y también a Mario Vargas Llosa pues le habían dicho a Javier que lo estaba buscando. Lo llaman y Vargas Llosa sale, me saluda brevemente a mí y se abraza con él, lo recuerdo perfectamente." (...).

[14] <http://elgatodescalzo.wordpress.com/2009/11/12/rosina-valcarcel-aun-es-tiempo-de-recuperar-la-primavera/>

"De La Habana a Bolivia habíamos viajado por diferentes rutas para lograr nuestra finalidad de entrar armados al país. Con Javier Heraud me vi nuevamente en La Paz. "Nos cruzamos sin dirigirnos la palabra pues viajábamos clandestinos. Cuando surcábamos el río Chapare, en Cochabamba, nos volvimos a ver; a propósito de un círculo que se organizó con él, Héctor Béjar, Abraham Lama (Junco) y yo. En las orillas del río, entre otros puntos, tratamos sobre el realismo socialista y la presencia canónica de Joyce y Proust. En ese debate Javier, que era muchos años menor que nosotros, destacó. La forma de plantear el problema y el desarrollo no esquemático que le dio al papel de la literatura en el proceso de la revolución socialista fue convincente en el círculo que se caracterizaba por su posición crítica a los sesgos que entonces iba tomando el realismo socialista."

[15] Certamente a visão crítica que Javier Heraud tinha do realismo socialista, que ainda vigorava naqueles anos, referia-se, não a legítima opção política que a arte poderia (ou deveria) ter, retratando o papel cultural e singelo das classes operária e camponesa numa sociedade socialista em construção, como propôs Máximo Gorki em 1934 -- e como foi notavelmente colocada por Georg Lukács, enfatizando a importância do realismo socialista na arte e literatura e repudiando as abstrações do modernismo -- mas ao papel castrador que o stalinismo vinha tomando em relação à liberdade da arte, no endeusamento pessoal do próprio Stalin, na glorificação do regime

soviético, e na dependência política da arte e da literatura ao partido e ao poder.

[16] <http://www.cedema.org/uploads/JosLuisRnique.doc>

(...) "Conversé mucho con Heraud. Un joven de extracción distinta a la del promedio. Un verdadero intelectual a pesar de su juventud. Una promesa. Tenía posibilidad de ir a Europa pero estaba ahí, en la Sierra Maestra. Vacilaba. Tenía dudas." Cuando, de retorno a La Habana, sin embargo, Fidel confrontó al grupo con la opción definitiva —¿profesión o revolución?— el poeta cruzó el Rubicón hacia la lucha armada. Había nacido Rodrigo Machado. Nadie como él expresaría el ánimo con que dicho compromiso se asumía:

"Rodrigo Machado nació un día del mes de julio en La Habana, el año de 1962. (Su edad no se sabe aún pues tiene la edad de la lucha de su pueblo). La guerra contra el imperialismo a la que irá conjuntamente con 40 camaradas, dirá o callará los años que él ha de cumplir. ¿Se quedará en algún monte regado con una bala en el cuerpo? ¿Seguirá de viaje a la esperanza o lo enterrarán en el lecho de algún río, entonces enteramente seco? No, pero los ríos de la vida, de la esperanza, seguirán afluyendo con torrentes cristalinos. Porque en el río está la vida de un hombre de muchos hombres, de un pueblo de muchos pueblos. Y Rodrigo Machado, de pie o acostado, seguirá cantando con un fusil al hombre, porque el fusil será uno de los medios para lograr la liberación. Y una vez liberados, los hombres dignos y honrados dirán la verdad a todo el mundo sobre nuestro pueblo, sobre sus luchas y su futura vida. Sólo entonces, Rodrigo Machado y con él los 40 que partieron hacia la vida (de pie o debajo de la tierra) se sentirán felices y dichosos."

[17] . ANDRADE, Manoel de. *Poemas para a liberdade*. Escrituras, São Paulo, ed. Bilingüe, 2009, p .96-99.

Con treinta balazos de ódio / sus dulces ojos temblaron /crimen tan grande señores /árboles y pájaros lloraron. // Y cayó muerto el poeta /inmensa alma alumbrada. / Como él cayeron otros / Byron cayó en la Grecia / García Lorca en Granada. // --- Díme hermano campesino.../ ¿por qué murió Javier?--- ¡Por su sueño, viajero! / porque hay hombres que nacen / con sangre predestinada. / Javier murió de justo / por el pan de cada día / murió por la gente pobre / por su hambre y su agonía. // Ay poeta, hermano mio /verde cigarra de espanto / en tu cuerpo acribillado / la sangre escurrió tu canto. // Y la noche conmemoró // la victoria de los generales /el pueblo vendrá mañana /con su voz de mil puñales. //Me contaron que hay un sitio /donde un río canta doliente /dicen que sus aguas lloran /por la muerte de un valiente.

[18] ANDRADE, Manoel de. *Poemas de América Latina*. Arequipa, Centro Federado de Letras e Federación Universitária de Arequipa, 1970.

"La revolución no es una palabra. Es una tarea heroica que deve ser iniciada sin demora, aqui y ahora. Esto debiera ser comprendido por todos nosotros. También debieramos comprender que la revolución es modelo de conducta a seguir, para que después podamos decir con plenitud como Javier Heraud: "Supe vivir y supe morir como hombre digno".

[19] PEREZ, Cecília Heraud. *Op. cit.*, p. 121.

"(...) que la poesia, lejos de ser una aislada y solitaria creación del artista, es un testimonio de la grandeza y la miséria de los hombres, una voz que denuncia el horror y clama la solidaridad y la justicia; (...)

[20] NERUDA,Pablo. *Canto Geral*. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Difel, 1979, p. 180.

[21] ANDRADE, Manoel de. *Poemas para a liberdade*. p. 73.

[22] BELLINI,Giuseppe. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Madrid, Editorial Castalia, 1986, p. 443.

"se ha convertido en símbolo -- como el peruano Heraud y el argentino Urondo --del compromiso de la poesía latinoamericana frente a la historia"

[23] Donoso Pareja, na época exilado na capital mexicana, presenteou-me a excelente antologia que selecionou e prefaciou, num dos encontros que lá tivemos em meados de 1971. Apesar de Javier Heraud ainda não ser conhecido fora de seu próprio país, seus versos já partilhavam aquelas páginas com grandes poetas latinoamericanos como Neruda, Vallejo, Gelman, Guillén, Adoum, Cardenal, Benedetti, e os brasileiros Drummond, Bandeira, Vinicius, Gullar, Romano e outros.

[24] PAREJA, Miguel Donoso. *Poesía Rebelde de América*, Ciudad de México, Extemporáneos, 1971, p. 345.

Yo nunca me río /de la muerte. / Simplemente / sucede que / no tengo / miedo /de /morir /entre /pájaros y arboles //Yo no me río de la muerte. /Pero a veces tengo sed /y pido un poco de vida, /a veces tengo sed y pregunto/ diariamente, y como siempre /sucede que no hallo respuestas / sino una carcajada profunda /y negra. Ya lo dije, nunca / suelo reír de la muerte, / pero sí conozco su blanco /rostro, su tétrica vestimenta. // Yo no me río de la muerte. / Sin embargo, conozco su / blanca casa, conozco su / blanca vestimenta, conozco / su humedad y su silencio. // Claro está, la muerte no //me ha visitado todavía, //y Uds. preguntarán: ¿qué // conoces? No conozco nada. // Es cierto también eso. /Empero, sé que al llegar /ella yo estaré esperando, / yo estaré esperando de pie /o tal vez desayunando. /La miraré blandamente/ (no se vaya a asustar) / y como jamás he reído / de su túnica, la acompañaré, / solitario y solitario.

[25] BÉJAR, Héctor.Rivera. *Perú 1965: apuntes sobre una experiencia guerrillera*. La Habana: Casa de las Américas, 1969.

(...) “Yo creo que Javier es un caso extraordinario en el que la poesía y la revolución se entrecruzan con una fuerza inédita en nuestra historia. Javier siguió escribiendo incluso en la guerrilla (...) Es evidente que también su poesía, acusa una evolución que desgraciadamente no es muy conocida porque gran número de sus poemas se perdieron con su muerte. Pero, creo que él, aunque sea difícil decir esto, y siempre es tan riesgoso decir lo que ha podido pensar –de alguien que ha muerto – había decidido ser sobre todo un combatiente, un revolucionario. Esa era su actitud (...)”

[26] PEREZ, Cecília Heraud. *Op. cit.*, p. 130-1.

(...) Y ahora permítanme decir unas palabras sobre el purísimo poeta Javier Heraud cuyo afecto gané honestamente.

Dada la personalidad de Javier Heraud, sólo dos posibilidades se le ofrecían en el Perú: la gloria literaria o el martirio. Prefirió la más ardua, la que no ofrece recompensas a las que humanamente aspiran casi todos los hombres. Es raro que en un país como el nuestro se presenten ejemplos como éste.

Hasta el día de hoy, quienes tienen la responsabilidad del gobierno y del destino del Perú no han permitido sino un solo campo de acción para quienes anhelan la justicia verdadera, es decir, el camino abierto hacia la igualdad económica y social que a la igualdad de la naturaleza humana corresponde; ese camino es el de la rebelión, el de acoso y el de la muerte. Javier lo eligió; pero no olvidemos que lo obligaron a elegir. Quizá habría procedido de otro modo en un país sin tanta crueldad para los desposeídos, sin la crueldad que se requiere para mantener niños esclavos, “colonos” esclavos y barriadas en que el perro vagabundo y el niño sin padre comen la basura, juntos.

Para los que están ciegos de egoísmo y de furor contra los que claman por un poco de justicia, la muerte de Javier, por mucho que pretendan desfigurarla, es una advertencia suficientemente elocuente, quizá la única eficaz, para los otros egoístas de todo tipo; estudiantes o no, escritores que únicamente se ocupan de lavar “su gloria” y no de expresar la vida con la mayor pureza, el caso de Heraud es también una advertencia. Creo que Javier ha encontrado la inmortalidad verdadera que la poesía por sí sola acaso no le habría dado. No lo olvidemos.” (...)

[27] Idem., p. 125-6

I- Viniste a mí como un/ rápido corcel. Me traías/ uñas duras y doradas,/ uvas secas e/ invisibles./

Eras enredadera en/ tu pelo, te mezclaste/ árbol, te volviste/ oro, alma te tornaste/ en mi alma. // II- Ahora eres la rosa/ de hoy en el anuncio./ Luego fuiste la voz/ seca del roble/ endurecido./De nuevo eres la/ luz y la luz/ esclarecida. // III- Tú eras canto en el/ mundo ofrendado. Tu/ eras pan y piedra/ agujereado. Eras/ fresco, innumerable,/ escribiendo en el/ corazón, en el/ pájaro, en el/ agua rugosa.(...)

[28] <http://www.muladarnews.com/2011/01/correspondencia-sobre-el-poeta-javier-heraud/>

Universidad de Chile
ISLA NEGRA, Julio de 1963

He leído con gran emoción las palabras de Alejandro Romualdo sobre Javier Heraud. También el valeroso examen de Washigton Delgado, las protestas de Cesar Calvo, de Reinaldo Naranjo, de Arturo Corcuera, de Gustavo Valcárcel. También leí la desgarradora relación de Jorge A. Heraud, padre del poeta Javier.

Me doy cuenta de que una gran herida ha quedado abierta en el corazón del Perú y que la poesía y la sangre del joven caído siguen resplandecientes, inolvidables.

Morir a los veinte años acribillado a balazos "desnudo y sin armas en medio del río Madre de Dios, cuando iba a la deriva, sin remos..." el joven poeta muerto allí, aplastado allí en aquellas soledades por las fuerzas oscuras. Nuestra América oscura, nuestra edad oscura.

No tuve la dicha de conocerlo. Por cuando ustedes lo cuentan, lo lloran, lo recuerdan, su corta vida fue un deslumbrante relámpago de energía y de alegría.

Honor a su memoria luminosa. Guardaremos su nombre bien escrito. Bien grabado en lo más alto y en los más profundo para que siga resplandeciendo. Todos lo verán, todos lo amarán mañana, en la hora de la luz.

Pablo Neruda

[29] PEREZ, Cecília Heraud. *Op. Cit.*, p. 220.

Nov 62. La Habana. Cuba./

Querida madre: /No sé cuándo podrás leer esta carta. Si la lees quiere decir que algo ha sucedido en la Sierra y que ya no podré saludarte y abrazarte como siempre. ¡si supieras cuánto te amo!, ¡si supieras que ahora que me dispongo a salir de Cuba para entrar en mi patria y abrir un frente guerrillero pienso más que nunca en ti, en mi padre, en mis hermano tan queridos!

Voy a la guerra por la alegría, por mi patria, por el amor que te tengo, por todo en fin. No me guardes rencor si algo me pasa. Yo hubiese querido vivir para agradecerte lo que has hecho por mí, pero no podría vivir sin servir a mi pueblo y a mi patria. Eso tú bien lo sabes, y tu me criaste honrado y justo, amante de la verdad, de la justicia.

Porque sé que mi patria cambiará, sé que tú también te hallarás dichosa y feliz, en compañía de mi padre amado y de mis hermanos. Y que mi vacío se llenará pronto con la alegría y la esperanza de la patria.

Te besa/ Tu hijo/ Javier

[30] Idem, p. 218.

Quiero que salgan dos/ geranios de mis ojos, de/ mi frente dos rosas blancas, /y de mi boca,/ (por donde salen mis palabras)/ un cedro fuerte y peremne,/ que me dé sombra cuando/ arda por dentro y por fuera,/ que me dé viento cuando la lluvia/ desparrame mis huesos./Echadme agua, todas las/ mañanas,fresca y del rio/ cercano, que yo seré el abono de/ mis propios vegetales.

